

Se não há pesquisa, não há ensino de qualidade

Entrevista com **Lucrécia D'Alessio Ferrara**

Helena Jacob

*Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e vice-coordenadora do curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero
E-mail: hmajacob@casperlibero.edu.br*

Lucrécia D'Alessio Ferrara traz em sua trajetória acadêmica a criação do primeiro programa de pós-graduação em Comunicação no Brasil, o programa de estudos pós-graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade de São Paulo (PUCSP). Junto aos lendários Haroldo de Campos e Décio Pignatari, criou o programa inicialmente chamado de Teoria Literária e que foi batizado de Comunicação e Semiótica em 1978.

Livre-docente pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, Lucrécia é também professora titular emérita da PUCSP e professora titular aposentada da FAU/USP. Com uma energia de dar inveja a muitos jovens, atualmente exerce a função de professora titular no programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde orienta projetos de mestrado e doutorado.

Com muitas histórias a contar, a professora tem hoje uma grande preocupação na sua extensa e brilhante carreira: manter vivo o foco na qualidade da pesquisa em pós-graduação no Brasil. Atualmente, liderando o Grupo de Pesquisa Espaço-Visualidade/Comunicação-Cultura (ESPACC), certificado pela comissão de Pesquisa da PUCSP e pelo Diretório dos Grupos de Pesquisa Nacionais, Lucrécia concedeu à **Communicare** uma entrevista sobre esse tema tão importante para a área de comunicação no país.

Entre os tópicos abordados, um dos destaques é a defesa clara da pesquisa para a formação de bons professores. Mais que isso, Lucrécia critica a dicotomia entre ensino e pesquisa e, também, a quantificação excessiva das práticas de ensino e pesquisa, tão em voga atualmente no Brasil. Ao fim dessa conversa, a pensadora que se revela é uma mulher à frente do seu tempo, meticulosa e incansável na defesa da pesquisa mas, também, uma otimista quanto ao futuro da educação e dos futuros educadores.

Communicare - Como uma das fundadoras da pesquisa em comunicação no Brasil, qual você considera hoje o grande desafio da pesquisa em comunicação?

Lucrécia Ferrara - O grande desafio é superar a ultrapassada discussão entre ensino e pesquisa. Para começar, a pesquisa não é algo que se faz ou se deixa de fazer por uma questão de boa ou má vontade. Simplesmente se não houver pesquisa, não há ensino. A mentalidade de que o professor deve apenas estruturar disciplinas para o cotidiano da sala de aula está prejudicando a nossa e todas as demais áreas da pesquisa e do ensino, tanto na graduação quanto na pós.

Precisamos salientar a importância da pesquisa para termos bons professores em atividade, pois é pesquisando que o professor se aprimora e se prepara para os desafios do cotidiano. Mas parece que o ensino superior no Brasil não tem muita clareza dessa relação, ainda mais levando em conta que a avaliação dos programas de pesquisa é parte de métodos quantitativos, e a característica de qualidade do que efetivamente se publica não é levada em consideração - e muito

menos se pondera se aquilo que se publica decorre de um trabalho consequente de pesquisa. Estamos preocupados com números de publicações, quando precisamos mais do que nunca valorizar sua qualidade.

Communicare - A pesquisa em comunicação ainda é considerada por muitos um tema de pesquisa científica de menor importância, ainda mais quando comparada às ciências exatas e às biológicas. Como vê essa questão?

LF - Vamos começar de um ponto: o primeiro programa de estudos de pós-graduação no Brasil, o PPGCOM de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo completou 45 anos em 2015. Portanto, temos uma área de pesquisa ainda jovem, ainda mais se a compararmos com as áreas de ciências exatas e biológicas, que começaram seus investimentos em pesquisa e em pós-graduação para formar mestres e doutores há muito mais tempo. Assim eles conseguiram um conhecimento e um reconhecimento que a área de comunicação ainda não tem. Outro lado da questão: as áreas de exatas e biológicas trabalham em laboratório, coletiva e colaborativamente. O uso do laboratório como espaço de validação da pesquisa confere uma visibilidade maior a tais áreas perante a opinião pública.

Communicare - Seria então a pesquisa em laboratório necessária para que consigamos construir essa credibilidade?

LF -É possível que sim, mas eu não estou particularmente preocupada com essa validação. Acho que seria interessante investir em desenvolvimento laboratorial para verificar quais resultados se obtêm das pesquisas feitas pela massa crítica formada pelos cursos de pós-graduação, ou seja, quais tipos de mestres e doutores foram formados nesse tipo de trabalho. O laboratório poderia nos dar dados mais focados em qualidade nessa avaliação. E que diferença existe em se fazer ou não a pesquisa em laboratório? Para se aprender a pesquisar o laboratório pode ser uma ferramenta, mas nunca um fim. Temos um cenário onde muitos profissionais pesquisam por questões mercadológicas e não por vocação ou necessidades próprias. Hoje o título de mestre e doutor é também uma solicitação do mercado, mas, efetivamente ser mestre ou doutor não acrescenta grande coisa se o profissional não souber pesquisar. E acho que não é nos cursos de pós-graduação enquanto disciplinas a cursar que se aprende a pesquisar; efetivamente o lugar onde se aprende a pesquisar é nos grupos de pesquisa. É lá que se tem o espaço para discussão, para análise. Assim, o grupo de pesquisa acaba sendo o nosso verdadeiro laboratório na comunicação? No entanto, para fazer isso o líder do grupo de pesquisa tem de ser um pesquisador atento, que se mantenha atualizado sempre, levando o grupo a se desafiar e a ser desafiado o tempo todo.

Communicare - Durante muito tempo a pesquisa em comunicação no nosso

país foi influenciada pela escola americana. Você vê mudanças nesse cenário?

LF - Nós ainda somos muito influenciados pela escola americana, sobretudo nessa questão da pesquisa quantitativa. “Trabalhe e publique” é um slogan do sistema universitário norte-americano que não tem nada a ver com a nossa realidade. Nós não temos as mesmas universidades, nós não temos os mesmos campi, nós não temos os mesmos recursos, nós não temos a mesma formação básica, nós não temos a mesma possibilidade da troca de experiência porque no Brasil é tudo muito sedimentado e fragmentado, cada região comporta-se de maneira muito distinta das outras em termos de pesquisa. Precisamos nos perguntar qual é o avanço de pesquisa de cada região em termos de pós-graduação, qual é o avanço de cada programa em termos de região? Precisamos mensurar tais pontos. Então eu acho que o sistema de avaliação deveria considerar os passos dados de quatro em quatro anos como determinado programa caminhou, quais etapas conseguiu atingir, quais dificuldades enfrentou e quais foram as soluções dadas diante das dificuldades enfrentadas. Esse trabalho de comparação seria efetivamente um trabalho de avaliação da qualidade do programa de pós-graduação. E sairíamos assim do paradigma norte-americano de busca de números a qualquer custo.

Communicare - Como você vê a formação de pesquisadores e de professores para os programas de pós-graduação em comunicação no Brasil?

LF - Eu diria que vem melhorando, mas acho que muito lentamente em relação àquilo que poderia e deveria acontecer, pois precisamos de profissionais de excelência formados com rapidez, e essa é uma realidade complexa de se administrar. Hoje o aluno chega na pós-graduação com um déficit de uma informação básica que a graduação não pode ou não consegue recuperar, pois são problemas do ensino fundamental e médio, difíceis de serem resolvidos. Assim a formação na graduação já começa prejudicada e acabamos tendo uma massa crítica displicente e com muitos problemas de partida na pós-graduação. Como temos nessa área um trabalho mecânico, de busca de resultados quantitativos, os problemas vão se acumulando e não são sanados. Assim continua – e pode piorar – a dificuldade de se formar bons professores e bons pesquisadores.

Communicare - Como o pesquisador deve se preparar para enfrentar um objeto tão dinâmico como a comunicação, que se transforma continuamente e que é de difícil captura? Por mais que recortemos o objeto de pesquisa não conseguimos acompanhar a velocidade de transformação dos processos comunicacionais.

LF - Vamos admitir que esse pesquisador que deve aprender a trabalhar com o objeto de pesquisa comunicacional já venha para a pós-graduação com uma boa formação de base, o que não é comum hoje. Ele precisa ter no mínimo curiosidade, mas precisa mesmo ousar se perguntar sobre aquele objeto e não ter medo

das respostas; afinal, essas respostas poderão exigir que ele reveja a sua própria formação, assim como suas convicções e crenças, inclusive as de ordem teórica. Não são convicções assertivas sobre o que é comunicação, mas certas convicções teóricas que devem ser revistas ou que podem ser revistas. O fenômeno comunicacional está em movimento, altera-se profundamente a cada dia. Não podemos enquadrá-lo à força em uma determinada linha teórica. Precisamos olhar para o objeto comunicacional e tentar compreendê-lo em si, buscando os referenciais teóricos adequados a este objeto e não o caminho oposto.

Communicare - Podemos dizer que teorias morrem? Ou que elas perecem – daí o necessário desapego já citado a linhas teóricas?

LF - Não diria que morrem nem que perecem; teorias se desatualizam. E algumas vezes as teorias estão profundamente desatualizadas e, de repente, por força de algum vínculo comunicativo da pesquisa, da investigação que está sendo feita, determinada teoria ressurgem. Então, um aluno que chega na pós-graduação, deve em primeiro lugar se permitir uma revisão da sua própria formação e não ter medo dessa revisão. Ele não pode trabalhar na pós-graduação as suas convicções, repeti-las mecanicamente. Esse pesquisador precisa se questionar continuamente, ponderar se deve mesmo seguir um caminho de pesquisa ou não – e avaliar se aquela teoria lhe é cômoda ou se é adequada para interpretar e conhecer o objeto de pesquisa. Por isso a importância da pesquisa para o professor, seja em graduação ou pós-graduação.

Communicare - Muito se comenta que vinculação é a palavra-chave para a pesquisa em comunicação. Você concorda?

LF - Não, vinculação é um parâmetro possível da comunicação. Posso falar de uma comunicação veiculativa, de uma comunicação vinculativa, assim como eu posso ter uma comunicação mediativa e uma comunicação interativa. Tais atributos são parâmetros do próprio conceito de comunicação. Então a vinculação é importante, mas ela não traduz a complexidade de um processo comunicativo.

Communicare - Na sua pesquisa há uma abordagem intensa sobre a distinção entre a fenomenologia e a epistemologia na comunicação. Estamos muito presos aos acontecimentos fenomenológicos e temos dificuldade em pesquisar a produção do conhecimento epistemológico?

LF - O problema é que do ponto de vista, tanto da semiótica quanto da comunicação, uma etapa importante da investigação é a etapa metodológica. Essa discriminação fenomenológica, quer dizer, de configuração do fenômeno, é efetivamente uma etapa metodológica. Mas o que vemos é que muitos pesquisadores acreditam que a pesquisa se esgota nessa etapa, quando descrevemos o objeto, o fenômeno que nos interessa pesquisar. Precisamos pesquisar e caminhar a partir

desse nível, não parar nele. É nesse momento que avançamos para a etapa mais complexa e desafiadora que é a epistemologia.

Communicare - Então, nesse sentido, o estágio de estudo epistemológico é o mais maduro do processo de pesquisa?

LF - Eu não diria isso. A epistemologia é efetivamente perceber qual conhecimento é possível produzir a partir da discriminação de um fenômeno empírico. Porque veja, o que é epistemologia? É o conhecimento do conhecimento, é saber o que é o conhecimento que produz conhecimento, é isso o que é epistemologia.

Muitas vezes a pesquisa para na pura constatação, na discriminação da configuração semiótica do objeto ou do fenômeno estudado. O que acontece é que essa discriminação fica subjacente a maior ou menor perspicácia, a maior ou menor atenção do próprio pesquisador no seu trabalho discriminativo. Então, quem faz efetivamente o fenômeno não é propriamente o pesquisado, quem se pesquisa é a própria perspicácia do pesquisador. O dia a dia disso é complexo. A gente vê isso, por exemplo, nas atividades de orientação. Para se fazer um aluno ultrapassar esse obstáculo no mestrado é muito difícil pois são apenas 30 meses de trabalho. Quando o mestrando está amadurecendo, quando ele deveria adentrar o território epistemológico, acabou o tempo. Essa temporalidade é incoerente, pois dificulta o processo de avançarmos na pesquisa em comunicação. Eu diria que repensar prazos, dar mais tempo para o aprofundamento das pesquisas e rever métodos de avaliação é hoje o nó górdio da educação brasileira. Pois com o atual sistema acabamos desperdiçando material humano de extrema qualidade.

Communicare - Apesar de todos esses problemas apontados, temos avançado? Podemos falar que nossa área, a comunicação, consegue hoje ter um campo científico bem delimitado?

LF - Acho que estamos avançando bastante, mas ainda em desenvolvimento. Há muito trabalho a fazer e temos um ritmo de vida cada vez mais complicado, no qual as dificuldades de pesquisar se multiplicam. Ora não se tem apoio, ora não se tem tempo; afinal, o pesquisador precisa correr atrás da subsistência dele e as condições de financiamento de pesquisa no Brasil não dão esse suporte. Então, efetivamente, o trabalho que se tem a fazer é grande em relação às condições que temos. Entretanto temos uma área de pesquisa em comunicação animadora, que tem crescido bastante sim. Um bom exemplo é o GT (grupo de trabalho) de Epistemologia da Comunicação da Compós. Digamos que epistemologia da comunicação é uma área um pouco assustadora. Então é uma área pouco procurada, mas nas últimas edições do GP foram apresentados trabalhos de alto nível, polêmicos, e a qualidade dos debates foi altíssima. Espero que consigamos caminhar cada vez mais no sentido de bons exemplos como esse.